

Na Emergência das Crises: Rupturas a partir do processo de interação escolar de crianças brasileiras imigrantes em Londres¹

DENISE H. S. MOREIRA² & ELÂNIA F. S. MULLAHY³

INTRODUÇÃO

As migrações humanas têm, entre suas várias motivações, as resultantes de limitações econômicas no sistema social de origem que produzem expectativas de superação no local de destino. No âmbito das migrações internacionais, seus atores tendem a colocar em segundo plano limitação de direitos e diferenças culturais. É a despeito dessas implicações que imigrantes internacionais organizam suas vidas em família. Entre medidas adotadas no âmbito familiar, está, em certos casos, a escolarização dos filhos. Em sua experiência escolar, as crianças imigrantes são envoltas por uma nova dinâmica relacional na qual, em geral, a multiculturalidade compõe o cenário institucional. Carregam consigo características relevantes no processo de interação, resultantes da sua condição migratória. Entre suas características está a carga de dificuldades típica da condição de estrangeiro vivida, em maior ou menor grau, por elas e por seus pais. Nos estudos das migrações, a atenção está voltada, em geral, para os problemas decorrentes do processo das interações multiculturais no ambiente escolar. Pouco se sabe, entretanto, sobre as soluções encontradas por crianças nesse âmbito. O presente estudo visou compreender estratégias adotadas por crianças no contexto das crises que permeiam suas dinâmicas relacionais no contexto migratório.

INFÂNCIA E MIGRAÇÃO: PERSPECTIVAS EM ESTUDO

Estudos sobre crianças migrantes internacionais destacam fatores observados no contexto escolar que interferem no seu processo de interação social e fenômenos deles resultantes. Estão em destaque, como fatores de influência, o monolinguismo (Fritzen, 2008; Siller, 2011) e as mudanças físicas ambientais (Mota, Franco & Motta, 1999). Entre os fenômenos resultantes, são considerados os seguintes: a competência social e a identificação étnico-nacional (Pizzinato & Castella Sarriera, 2004);

¹ Esta pesquisa contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí (Fapepi).

² Denise H. S. Moreira, Universidade do Minho. E-mail: denisehosana@hotmail.com

³ Elânia F. S. Mullahy, Open University. E-mail: elania.mullahy@sky.com

os conflitos identitários e a aculturação (Mota, 2008; Munaro, 2012); e as relações geracionais (Souto, 2010).

Através de pesquisa etnográfica, Fritzen (2008) identificou conflitos linguísticos e identitários resultantes do bilinguismo nas relações de crianças imigrantes alemães com seus pares e professores em uma escola rural no sul do Brasil. A pesquisadora observou a ocorrência de relações assimétricas e de conflito entre a língua hegemônica e das línguas minoritárias, em geral, estigmatizadas.

Nos estudos etnográficos de Siller (2011), realizados em 2 escolas no sul do Brasil, a pesquisadora investigou a vida escolar de crianças imigrantes alemães, no modo como produzem, reproduzem e difundem as práticas sociais do seu grupo e de outros grupos étnicos e culturais. Ambas as escolas foram descritas como marcadas pela abordagem monocultural, monolíngue e voltada para assimilação do padrão nacional da língua portuguesa, religião católica e valores vinculados ao trabalho urbano-industrial. No contexto, a pesquisadora observou crianças com vergonha de se vincularem a sua origem e às crianças de outros grupos.

Um levantamento estatístico realizado por Mota, Franco e Motta (1999) revelou a vulnerabilidade de crianças a mudanças ambientais. Com base nos referenciais teóricos de estresse e suporte social, avaliaram a importância dos processos de adaptação sobre mudanças de vida e suas relações com a saúde. Adotaram o modelo de análise das relações entre fatores psicossociais e saúde utilizando a migração como evento capaz de alterar padrões de organização familiar e estados de saúde e doença da criança.

Pizzinato e Castella Sarriera (2004) investigaram diferenças entre crianças imigrantes e seus pares não imigrantes no que diz respeito à competência social e à identificação étnico-nacional. Através de metodologia quantitativa, envolvendo alunos de escolas públicas e privadas de Porto Alegre, no Brasil, identificaram os imigrantes como mais isolados e menos agressivos e sociáveis, bem como uma importante tendência de hibridização identitária entre ambos os grupos, indicando processo adaptativo por parte dos imigrantes e manutenção das raízes étnico-migratórias por parte dos demais.

Em sua pesquisa com crianças e jovens brasileiros, imigrantes nos Estados Unidos, Mota (2008) abordou as representações que estas constroem sobre o Brasil em oposição à vida nos Estados Unidos. Foram considerados os conflitos e as acomodações de pertencimento presentes na definição da identidade nacional, o valor social da língua nos jogos de poder e os diálogos entre os desejos e motivações para a preferência entre os dois países. No contexto de sua investigação, a pesquisadora observou a ocorrência da assimilação cultural, mas considerou a possibilidade de evolução para um transnacionalismo que, segundo ela, vem se constituindo como uma perspectiva de afirmação de identidades não excludentes e convivência entre diferentes perfis identitários.

Com o objetivo de descrever o processo de adaptação de alunos imigrantes em Salamanca, na Espanha, provenientes da América Latina, Europa, África do Norte,

Central e do Oriente, para identificar variáveis úteis à intervenção educativa, Munaro (2012) analisou seus processos de aculturação e identidade étnica, bem como a atitude dos seus pares nativos em relação à imigração. Os resultados mostraram prevalência de integração e perspectivas positivas de apreciação subjetiva do país, apesar da discriminação sofrida. Mostraram também que as atitudes dos espanhóis em relação à imigração são favoráveis. Para a pesquisadora, são fatores relacionados com variáveis psicossociais importantes para a intervenção educacional, a empatia, o clima de sala de aula, a importância percebida do contato e a autoestima.

Souto (2010) trata da participação de crianças imigrantes como atores sociais em suas vidas cotidianas e do seu reagrupamento familiar em Barcelona. Apresenta uma reflexão acerca dos impactos das migrações sobre as relações afetivas geracionais das famílias distanciadas, mas considera que os projetos migratórios estão cada vez mais associados ao bem-estar e desenvolvimento da infância.

Os estudos citados aqui revelam abordagens da criança imigrante centradas em suas fragilidades. A criança não é, em geral, observada enquanto capaz de construir estratégias para problemas com os quais é confrontada. O ocultamento de forças colocadas em choque em seu processo de adaptação, ou não, tende por excluir a relevância de sua participação ativa nas crises deflagradoras de transformações sociais.

A ABORDAGEM METODOLÓGICA DA PESQUISA

O propósito de compreender o processo adaptativo migratório adotado por crianças brasileiras frente aos impactos da migração internacional direcionou o estudo para Londres. A escolha por Londres decorreu do fato de que, segundo Sousa (2010: 55), “a Inglaterra agora desponta como o país europeu com maior crescimento no fluxo de imigrantes brasileiros”. A delimitação do espaço dentro do país resultou na escolha por Brent, região norte da cidade, onde, segundo Evans (2010) há maior concentração de imigrantes brasileiros.

A investigação envolveu 5 crianças brasileiras denominadas, aqui, de interlocutoras (I). As 2 primeiras, identificadas neste estudo como I1 e I2, ambas com 9 anos de idade, migraram para Londres aos 8 anos. A terceira interlocutora (I3), com 8 anos de idade, migrou aos 7 anos. Os dois últimos interlocutores, 2 meninos, com 8 e 11 anos de idade, identificados como I4 e I5, migraram para o país respectivamente com 6 e 5 anos de idade. Estudantes de diferentes escolas públicas na região de Brent, os interlocutores moram com seus pais nas proximidades de suas escolas. A escolha por diferentes escolas resultou da percepção de que o número de crianças brasileiras nas classes varia de 0 a 2 e que as escolas consideradas possuem, em geral, não mais que uma classe por série.

A recolha de dados envolveu três áreas frequentadas pelas crianças brasileiras deste estudo: a escola, suas residências e os ambientes públicos de convivência. Esta delimitação do campo está baseada na concepção de culturas específicas de infância.

James, Prout e Jenks (2004) consideram que as culturas de infância são produzidas nos tempos e espaços em que as crianças estão distantes do olhar adulto.

A abordagem metodológica adotada foi a pesquisa participativa por meio do estudo de caso etnográfico. A opção pela metodologia participativa implicou na busca por interlocutores com maior proximidade entre suas residências, de modo a facilitar o agrupamento das crianças para coleta e tratamento dos dados. A escolha pela etnografia resultou no entendimento de que esta abordagem metodológica privilegia a imersão longitudinal no terreno da pesquisa (Graue & Walsh, 2003).

O processo de coleta de dados envolveu entrevistas informais e semiformais, desenhos, fotografias, filmagens, diários e seus resultados apresentados compreendem parte de um estudo iniciado no segundo semestre do ano de 2012. O tratamento da coleta, de caráter qualitativo, envolveu análise de conteúdo (Bardin, 1977), análise do discurso (Brandão, 1992) e interpretação multivocal (Clifford, 2005).

RESULTADOS: CRIANÇAS BRASILEIRAS E OUTRAS CULTURAS

As especificidades no sistema escolar da Inglaterra contribuem para justificar rupturas no curso migratório de crianças brasileiras, das quais são destacadas aqui:

- avaliação voltada não para a reprovação, mas para o progresso do aluno;
- escolas monolíngues com políticas de acolhimento;
- transporte público gratuito para estudantes até o nível secundário;
- escolas para meninos e escolas para meninas.

O caráter não reprobatório das avaliações contribui para que a criança não solicite ajuda dos pais na realização das tarefas em casa. Quando perguntado às crianças como superam dificuldades nas tarefas escolares propostas para casa, responderam:

Na escola, a professora sempre ajuda quando a gente não sabe (I1);

Quando eu tenho dificuldade, eu deixo em branco, mas eu não tenho muita dificuldade (I2);

Só teve uma vez que eu tive dificuldade, mas a professora me ajudou (I3);

O dever é sempre fácil e quando é difícil eu não faço (I4);

No começo eu tinha mais dificuldade e daí eu pedia ajuda da professora. Agora é mais fácil (I5);

Quando perguntado às crianças por que não pedem ajuda aos pais na realização de suas tarefas escolares, responderam:

Ela não sabe inglês e aí quando eu vou explicar ela diz que tá errado (I1);

Ela me ajuda as vezes, mas eu prefiro fazer sozinha (I2);

Eu não tenho muito dever pra fazer. Ai eu acabo cedo e quando ela chega, já terminei (13);

Sempre quando minha mãe chega eu já tô dormindo e meu pai não tem muita paciência (14);

Eu não preciso que ela me ajude, mas se eu precisar ela me ajuda às vezes. E quando ela não sabe ela pede pra eu perguntar na escola (15);

A desincumbência dos pais, por preferência das crianças, no acompanhamento aos seus estudos é facilmente aceita, sobretudo quando estes não dominam a língua inglesa e ou realizam extensas jornadas de trabalho. Assim, dificuldades que poderiam ser partilhadas em casa são estrategicamente apresentadas como banais por parte das crianças, as quais garantem superá-las na escola. Suas respostas sugerem a adoção de estratégias que contribuam para evitar atritos familiares. Como a escola não pode dar conta de toda a problemática apresentada na aprendizagem dos alunos, sua passagem para as séries subsequentes se dá no limite das possibilidades de acompanhamento dos conteúdos escolares.

Segundo Spencer (2008: 4):

“Em Londres, por exemplo, as crianças em idade escolar falam hoje em dia mais de 200 línguas maternas diferentes”. Essa diversidade linguística faz com que o Governo da Inglaterra recomende às escolas que “adoptem uma política de acolhimento para os alunos recém-chegados cuja língua materna não é o inglês e que nomeiem um mentor encarregado de acolher todos os alunos novos” (Comissão Europeia, 2009: 16).

Apesar do elevado contingente de crianças estrangeiras na região de Brent, as escolas públicas consideradas neste estudo são monolíngues. O monolingüismo faz com que todos na escola se comuniquem em inglês. Diferentemente dos conflitos identificados por Fritzen (2008) em seu estudo sobre crianças alemães em escolas brasileiras, o monolingüismo resulta, para as crianças deste estudo, na sua completa imersão no novo idioma e contribui para acelerar e ampliar sua capacidade de transmissão e recepção de informações. Entretanto, em oposição aos benefícios produzidos na escola, quanto maior sua capacidade de comunicação, maior sua independência em relação aos pais e, conseqüentemente, maiores os problemas decorrentes desta condição. Entre as inúmeras estratégias que a criança pode utilizar com o melhor domínio do novo idioma, está a omissão de problemas aos pais, a exemplo do que se pode constatar em relatos como os que se seguem:

A professora disse pra minha mãe que eu não ia participar porque eu desobedeci. Eu só não contei pra minha mãe pra ela não brigar comigo. Depois ela deixou e eu nem precisei contar (11);

Minha irmã ficava mentindo pra minha mãe não brigar com ela. Só que um dia minha mãe foi na escola com a amiga dela que traduzia e a amiga dela explicou pra minha mãe e minha mãe botou minha irmã de castigo (12);

A minha mãe acha que minha colega me xingou, mas ela não xingou. Eu gosto de brincar com ela. Às vezes ela xinga mesmo, mas se eu disser pra minha mãe, ela não deixa mais eu brincar (13);

Ainda bem que a mãe dele não entendeu nada do que a professora falou pra ela, porque se ela tivesse entendido ele ia levar um castigo daqueles (14);

A colega da minha mãe não pode ir pra reunião pra explicar pra ela o que a escola disse. Ai eu não sei como é isso direito, mas eu acho que se eu não tiver boas notas pra ir pra uma universidade eu posso fazer mais um ano e melhorar a nota (15).

Diferentemente do que ocorre com as crianças imigrantes inseridas no ambiente escolar monolíngue, o acesso dos seus pais à língua inglesa ocorre, em geral, no ambiente de trabalho. Soma-se a isto a tendência à restrição do seu convívio social a comunidades brasileiras, além da pouca disponibilidade e disposição para os estudos, em decorrência, geralmente, das suas extensas jornadas de trabalho. Os trabalhos dos pais das crianças interlocutoras neste estudo concentram-se nas áreas de limpeza, transporte e construção civil. Esta informação coincide com os resultados dos estudos da ONU (2005) ao descrever a ocupação da mão-de-obra dos setores tradicionalmente associados aos imigrantes, em sua maioria, pobres e com baixa escolaridade nos países industrializados. Cabe ressaltar que o presente estudo sugere maior relação da natureza do trabalho com limitações no aprendizado do idioma inglês do que com o nível de escolaridade dos pais considerados, visto que todos possuem o ensino médio completo, cuja etapa subsequente, no Brasil, corresponde ao ensino superior.

A maior rapidez das crianças no aprendizado da língua inglesa em relação aos seus pais gera vantagens não apenas para elas. Os pais se beneficiam com a utilização das crianças como suas intérpretes. Na função de intérpretes, as crianças interlocutoras neste estudo costumam acompanhar os pais em diversas situações como em compras, consultas médicas, tarefas escolares e outras atividades.

A convocação da criança para traduzir conversas sobre assuntos diversos, muitos dos quais revestidos de vocabulários específicos, leva a criança a criar versões que, segundo elas, podem ser interpretadas como mentira por parte dos adultos, quando não o são de verdade. Esta afirmação também se apoia nas respostas dadas pelas crianças quando questionadas sobre como traduzem quando não entendem o que ouvem em inglês:

Eu pergunto de novo, mas se não dá pra entender eu digo o que eu acho que é. Só que ela acha que eu sei e não quero dizer (11);

Eu digo que não sei, daí ela fica perguntando o que é que eu tô fazendo na escola (12);

Ela fica nervosa mais que eu e aí ela pede ajuda ou leva a amiga pra explicar pra ela (13);

Eu digo o que eu acho que pode ser, mas meu pai acha que é mentira minha. Fica dizendo que eu tô inventando, mas eu não tô inventando (I4);

Eu digo que não sei e daí minha mãe dana comigo, mas depois ela entende (I5).

O papel das crianças nas migrações internacionais tem, no aprendizado e no uso da língua do país de destino, expressão relevante. Através da criança, os pais adquirem mais segurança nas interações sociais. Entretanto, essa contribuição tende a expor a criança a situações, por vezes, inapropriadas.

Em relação ao deslocamento da criança no espaço urbano, em Londres, as que estão em idade escolar não pagam transporte. Esta gratuidade estende-se aos feriados e aos fins de semana. A gratuidade dos transportes contribui, não apenas para o acesso e a permanência na escola, mas, também, para o maior e melhor acesso à cultura local. Entretanto, pelo fato de a matrícula escolar se dar nas proximidades de suas residências, os relatos que se seguem expressam estratégias que lhes permitem maior mobilidade e liberdade para explorar o espaço urbano:

Se eu for pra casa de ônibus eu posso chegar mais tarde e ela acha que eu tô demorando por que eu to andando (I1);

Às vezes, eu pego três ônibus pra vir pra casa (I2);

Se a gente for de ônibus, da tempo passar no parque e a minha mãe nem vai saber (I3);

No dia da neve, que a escola soltou mais cedo, andei um bocado de ônibus. Depois, bem depois foi que eu falei pra minha mãe (I4);

Eu nunca faço, mas tem uns colegas que ficam rodando pela cidade antes de ir pra casa (I5).

Uma vez que consideram os índices de violência significativamente baixos em relação ao seu país de origem, os pais das crianças brasileiras acima de 7 anos de idade costumam permitir que seus filhos vão à escola e voltem para casa sozinhos. Dos nossos interlocutores, apenas 13 vai à escola e volta para casa acompanhada por uma tia.

Quanto às escolas por gênero, dos 5 interlocutores, três estudam nessas escolas: 1 menino e 2 meninas. Segundo eles, a separação não impede sua aproximação, conforme os relatos a seguir:

Sabe aquele lugar no parque perto do cemitério? Eles se encontram ali todo dia depois da aula (I1);

Eles foram pra escola de meninos. Daí a gente se vê, de vez em quando, no parque e na piscina (I2);

A gente pode entrar na escola depois da aula, mas como os meninos não podem entrar lá, aí eles vão se encontrar no parque (I5).

A separação de crianças por gênero está relacionada, além de outras possibilidades, ao caráter confessional das escolas públicas na Inglaterra, as quais, segundo Meirelles (2005), são vinculadas ao Estado igualmente confessional. Cabe ressaltar que nem todas as escolas confessionais são exclusivas para meninos ou meninas. Duas das crianças interlocutoras nesta pesquisa estudam em escolas mistas.

Diferentemente das observações feitas por Siller (2011) em seu estudo sobre crianças alemães em escolas brasileiras, os padrões hegemônicos das escolas britânicas consideradas, como o monolinguismo e a religião católica, não produzem impactos significativos sobre as crianças em suas relações de pares, mas sim em suas relações parentais, uma vez que respaldam valores morais extremos como a obediência inquestionável aos adultos. Em meio aos apelos à sua maior independência, decorrente do pouco tempo de convívio em família, do não acompanhamento nos estudos, da possibilidade de transitar gratuitamente pela cidade, do acesso a culturas onde as relações geracionais são mais flexíveis, entre outros, as crianças neste estudo tendem a apresentar indignação com a autoridade dos pais e maior identificação com seus pares, como expressam nos relatos a seguir:

Minhas colegas não apanham e por qualquer coisa ela me bate (11);

A minha mãe não se incomoda que eu saia, nem a mãe das minhas colegas, mas eu não gosto que ela vá com a gente porque a mãe dela (...) fica ligando toda hora pra saber onde ela tá, o que ela tá fazendo... Nossa! Enche o saco. Se ela quisesse fazer coisa errada ela já tinha feito (12);

Eu quero ir para uma universidade que eu more lá, mas minha mãe fica dizendo que vai comigo. Eu disse a ela: eu já moro praticamente sozinho. (...). Nem vejo quando ela chega de noite (14);

Sabe esse tipo de tatuagem de adesivo? Eu botei uma pra abusar minha mãe e ela só faltou me engolir. Que besteira. Todo mundo usa, só eu que não posso usar (13);

Eu não sei porque ela tem tanto pavor de brinco. Tem uns meninos lá que usam e eu não acho nada de mais. Mas eu não uso (15).

Segundo Montandon, Dominicé e Lieberherr (2000), o desejo das crianças por igualar-se à maioria entre seus pares, que pode expressar dependência ou heteronomia, não se dá independente da vontade de distinguir-se. Os relatos expressos anteriormente não parecem resultar da troca da maior independência dos pais pela dependência ao comportamento dos colegas, mas de uma reflexão sobre a relação entre as lacunas existentes nos discursos dos pais e a realidade observada.

As especificidades da estrutura escolar britânica impulsionam mudanças nas relações entre crianças imigrantes brasileiras e seus pais. As estratégias que adotam para enfrentamento de problemas decorrentes da migração representam rupturas com a ordem familiar. O acesso a outras culturas nas classes multiculturais possibilita o estabelecimento de comparações entre o discurso dos seus pais e a realidade.

A concepção de certo e errado é posta em questão no cotidiano de uma vida cada vez mais individualizada. Neste sentido, o presente estudo se aproxima das observações feitas por Mota, Franco e Motta (1999) quando consideram a migração como evento capaz de alterar os padrões de organização familiar.

Apesar de envolverem contextos culturais diversos, entre este e os outros estudos considerados aqui não há apenas divergências. Pizzinato e Castella Sarriera (2004) identificam em sua investigação sobre crianças imigrantes em Porto Alegre, no Brasil, um processo adaptativo por parte dos imigrantes e uma manutenção das raízes étnico-migratórias por parte dos nativos. O mesmo se verifica nos estudos de Mota (2008) e Munaro (2012). Esta constatação não diverge do que ocorre com crianças brasileiras em escolas de Londres, as quais tendem mais à adaptação ao comportamento nativo do que à resistência. Ainda, os estudos de Souto (2010) reforçam a percepção neste estudo de que as migrações produzem mais impacto sobre relações familiares do que sobre as interações das crianças com seus pares no ambiente escolar.

DISCUSSÃO

Apesar de as discussões sobre a criança avançarem na sua identificação como atores sociais, estudos sociológicos não as incluem como participantes nas transformações decorrentes das crises que acometem as sociedades onde se inserem. Um olhar sobre a sua participação nos processos migratórios pode revelar a importância de sua presença no âmbito mais estratégico das relações humanas: o comunicacional. Observadas em suas habilidades mais que em suas fragilidades, as crianças revelam capacidades adaptativas que favorecem notadamente as migrações internacionais.

LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Na busca pelo entendimento do processo adaptativo migratório adotado por crianças brasileiras em Londres, os problemas entre pares foram ofuscados por estratégias voltadas ao impedimento de conflitos familiares. Entretanto, os estudos que tratam das migrações de crianças não fazem referência a esses conflitos enquanto embates da criança contra a dominação adulta. Esse viés nos estudos sobre a criança pode estar relacionado ao modo passivo como são retratadas nas dinâmicas sociais.

LIMITAÇÕES NA ABRANGÊNCIA DOS ESTUDOS SOBRE A INFÂNCIA

As abordagens acerca do sofrimento das crianças prevalecem sobre suas estratégias na superação de problemas. A ênfase às suas fragilidades nos estudos das migrações reforça o tratamento secundário às suas várias demandas. Prevalecem, como problemas, o monolinguismo escolar e os conflitos de identidade étnica em detrimento de um todo complexo onde se inclui a família em descompasso com suas capacidades adaptativas.

No contexto migratório internacional, no âmbito dos casos considerados neste estudo, quanto menos os filhos passam a depender dos pais, mais os pais tendem a depender dos filhos. Entretanto, a troca de papéis não resulta em reconhecimento da importância da criança. Um deflagrador da inversão de papéis é o poder de comunicação adquirido mais facilmente pelas crianças em relação aos seus pais. Por meio desse poder as crianças desenvolvem estratégias para minar a estrutura da dominação.

LIMITAÇÕES A ABORDAGENS SOBRE CRIANÇAS EM ESTUDOS DE MOVIMENTOS SOCIAIS

Há insuficiência de referências a papéis desempenhados por criança em movimentos sociais. Essa desimportância pode dificultar a evolução de estudos das suas competências para o exercício do seu direito de voz nas decisões a seu respeito.

CONCLUSÃO E FUTUROS ESTUDOS

O presente estudo sugere o necessário aprofundamento de investigações acerca dos impactos das estratégias adotadas por crianças sobre as transformações sociais. Cabe investigar relações entre suas ações e mudanças ocorridas nos contextos onde estão inseridas. É preciso resgatar o sentido da existência da criança na vida dos adultos e inserir a reflexão sobre sua emergência no contexto das crises e rupturas ao longo da história.

REFERÊNCIAS

- Bardin, L. (1977) *Análise de conteúdo*, Lisboa: Edições 70.
- Brandão, H. H. N. (1992) *Introdução à análise do discurso*, Campinas: Unicamp.
- Clifford, J. (2005) "Sobre a autoridade etnográfica", in Ribeiro Sanches, M. (2005) *Deslocalizar a Europa: Antropologia, Arte, Literatura e história na Pós-Colonialidade*, Lisboa: Cotovia.
- Comissão Europeia (2009) *Integração escolar de crianças imigrantes na Europa: medidas para promover a comunicação com as famílias imigrantes; o ensino da língua de origem das crianças imigrantes*, EACEA P9/EFTA, Europa: Rede Eurydice.
- Fritzen, M. (2008), Línguas em conflito em uma escola rural localizada em zona de imigração no sul do Brasil, *Trab. Ling. Aplic.*, 47 (2): 341-356.
- Graue, M. E. & Walsh, D.J. (2003) *Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- James, A., Jenks, C. & Prout A. (2004) *Theorizing childhood*, New York: Teachers College Press.
- Montadon, C., Dominice, L. & Liberherr, R. (2000) "Le point de vue des enfants sur la construction des liens sociaux: l'exemple de la violence entre élèves", *Revue Suisse de Sociologie*, 26 (2): 319- 344.
- Mota, K. (2008) "O tripé identidade, língua e nação nas falas de jovens brasileiros imigrantes nos Estados Unidos", *Trab. Ling. Aplic.*, 47 (2): 309-322.

- ONU (2005) *As migrações num mundo interligado: novas linhas de acção, Relatório da Comissão Mundial sobre as Migrações Internacionais patrocinada pelas Nações Unidas*, Lisboa: Edições Fundação Calouste Gulbenkian. Disponível em <http://www.gcim.org/attachements/gcim-complete-report-2005.pdf>, consultado em 03/05/2012.
- Papademetriou, D. G. (2008) “Gerir melhor as migrações internacionais: princípios e perspectivas para maximizar os benefícios das migrações” in Papademetriou, D.G. (coord) (2008) *A Europa e os seus imigrantes no século XXI*, Lisboa: Migration Policy Institute e Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, pp. I-LXVIII.
- Pizzinato, A. & Castella Sarriera, J. (2004) “Identidade étnico-nacional e competência social em escolas de Porto Alegre”, *Aletheia*, 19: 07-20.
- Siller, R. (2011) *Infância, Educação Infantil*, Tese de Doutorado em Educação, Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- Sousa, A. (2010) “O papel da família e de organizações civis no ensino de português para crianças (anglo) brasileiras, in Brasileiros em Londres”, *Travessia, Revista do Migrante*, 66: 55-64.
- Souto, I. P. (2010) “Peruvian Girls and Boys as Actors of Family Migration in Barcelona: Generational Relations and Expectations”, *Migraciones Internacionales*, 5 (4): 69-99.
- Spencer, S. (2008) “O desafio da integração na Europa”, in Papademetriou, D.G. (coord) (2008) *A Europa e os seus imigrantes no século XXI*, Lisboa, Migration Policy Institute e Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, pp. 1-34.